ENIGMAS

Outras publicações do autor

Série RMS Titanic: Livro Um – O navio dos sonhos
Série RMS Titanic: Livro Dois – A viagem dos sonhos
Série RMS Titanic: Livro Três – A utopia de um sonho
O diabo não quer (só) a sua alma

FERNANDO ARAZÃO

ENIGMAS

A verdade nunca foi tão falsa

1ª edição
2013

Copyright © 2013. Fernando Arazão

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988/73.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida
por quaisquer meios, sem prévia autorização do autor.

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte

Capa: Fernando Arazão

Impresso no Brasil.

Arazão, Fernando, 1986-
A3919e Enigmas/ Fernando de Arazão. Blumenau.
212 pg., 2013.

0000000035143B001

1. Ficção brasileira. 2. Romance brasileiro I – Título.

B869.35

Para minha avó Enita que foi a pioneira em me ensinar a combinar as letras do alfabeto.

A G R A D E C I M E N T O S

Não haveria como pensar em deixar de estender meus agradecimentos especiais a algumas pessoas que contribuíram para este livro poder existir:

Primeiramente a Ricardo Valladares, jornalista da Revista VEJA, que, sem querer, me deu inspiração para esta história com sua matéria sobre a novela *Belíssima* da Rede Globo em janeiro de 2006. Mais especificamente na legenda da foto do novelista Sílvio de Abreu onde disse que "ninguém contesta que ele é o rei das tramas criminais nas telenovelas".

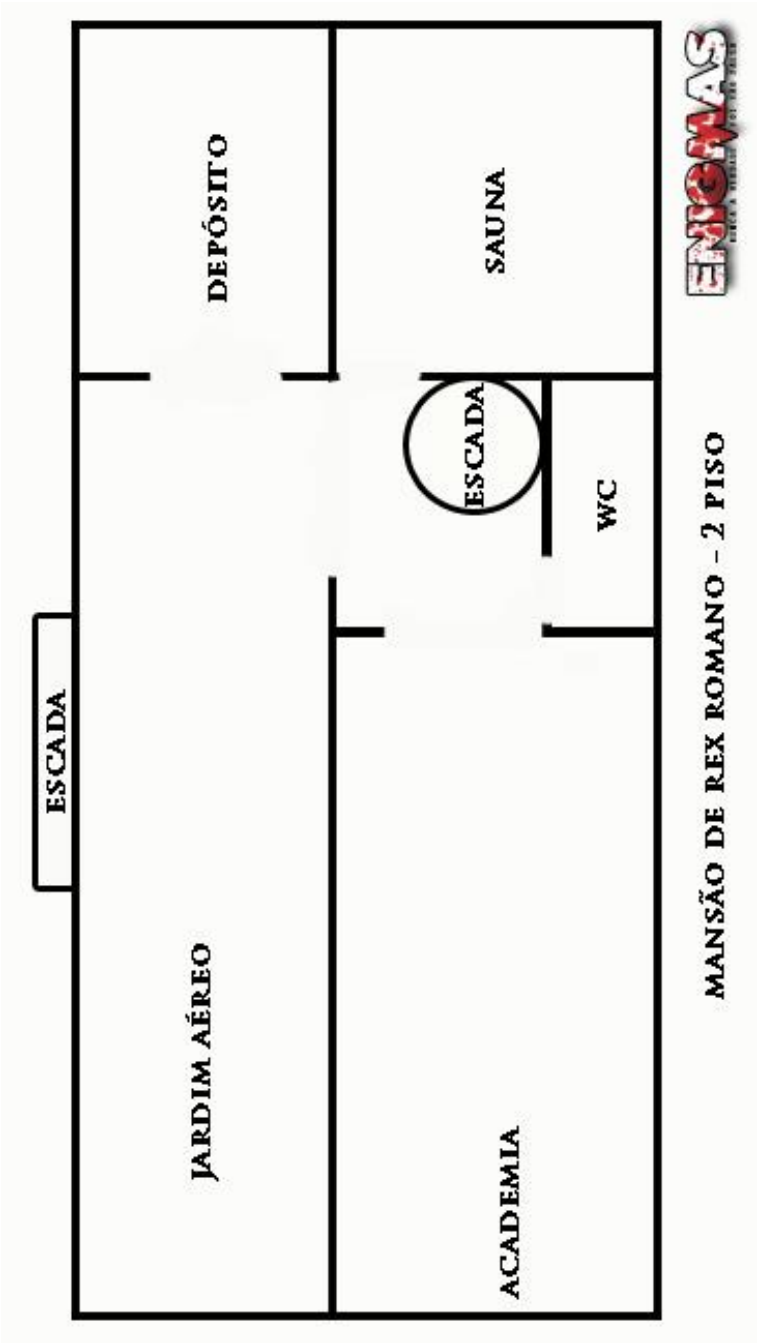
Também minha mãe, Rosa, que cumpria com prazer sua obrigação de ler cada capítulo escrito a cada dia até esta história estar pronta. Tive que me esforçar muito para que ela não descobrisse o assassino logo.

Um agradecimento mais que especial ao meu maninho Caiko, que fez questão de me levar para conhecer alguns dos lugares em que se passa essa história. Tenho sorte de ter você como irmão.

Para uma melhor compreensão da história, seguem três mapas da mansão de Rex Romano.

LAVAÇÃO
WC
GARAGEM
SALÃO DE FESTAS
ESCADA
SALA DE JOGOS
BIBLIOTECA
MANSÃO DE REX ROMANO – TÉRREO

WC
QUARTO
WC
QUARTO
ESCADA
WC
COZINHA
ESCRITÓRIO
CLOSET
ENIGMAS
MANSÃO DE REX ROMANO - 1 PISO


ESCADA
JARDIM AÉREO
DEPÓSITO
ACADEMIA
SAUNA
ESCADA
WC
MANSÃO DE REX ROMANO – 2 PISO

De todos os animais, somente o Homem é capaz de desenvolver uma relação de amizade com sua vítima.

De Horácio Braum

P r ó l o g o

Cidade do Rio de Janeiro
Terça-feira, 31 de outubro
9 da noite

Rex Romano estava encostado na parede de seu escritório particular sentindo uma enorme dor em seu abdômen. Seus olhos castanhos já não enxergavam direito, mas ele ainda podia ver o brilho do aço daquela faca que estava enterrada em seu estômago.

Diante dele, alguém vestindo uma capa com capuz preto o encarava sem demonstrar qualquer tipo de compaixão pela sua agonia.

- Vou encontrar de qualquer jeito. – Alguém disse. – Você sabe disso.

Rex encarou alguém.

- Por quê? – Perguntou.

A gargalhada de alguém tomou todo o escritório.

- Por quê? – Alguém disse, se divertindo. – *Por quê?* Mas isso é uma decepção! O rei das tramas criminais não sabe o motivo de estar sendo morto? Você deveria saber melhor do que ninguém que quem se mete onde não deve só tem um destino, Rex. Agora me diga onde está!

Rex sentia a ferida latejar enquanto seu sangue tingia o carpê ao seu redor com o vermelho de seu sangue.

- Está... – Rex geme. – Está no cofre.

Alguém vira as costas rápido e segue para fora do escritório.

Tão rápido quanto sua situação permite, Rex Romano alcança um pedaço de papel e escreve algo, jogando o bilhete longe logo em seguida, quase ao mesmo tempo em que alguém retorna a sala pisando duro, avançando na direção dele como um animal enfurecido.

- Seu miserável! – Alguém arranca a faca do corpo de Rex com violência causando no homem uma dor sem precedentes. – Seu segredo não vai para o túmulo com você!

Rex vê alguém levantar a faca e ela descer em sua direção mais uma vez.

FADE IN.

Capítulo 1

CASA DE RANI E EDUARDO/SALA/INT – NOITE:

EM UM APARTAMENTO NO NOBRE bairro de Copacabana, um casal está em seu confortável sala de TV de seu apartamento, em um dos muitos prédios que se estendem pela orla de uma das mais famosas praias do Mundo. Rani Rodrigues, uma jovem morena de vinte e sete anos, rosto redondo e olhos verdes assiste novela enquanto seu marido, Eduardo Rodrigues, está sentado em sua poltrona favorita estudando alguns papéis com atenção. Seu cabelo cortado em estilo militar dá a ele um ar sério, ainda que o olhar expressivo quebre um pouco esse clima.

A atenção de Rani estava presa na TV quando a tela se escureceu e a voz grave do locutor anuncia a próxima novela das nove da maior emissora do País. *Enigmas* seria a primeira parceria dela com seu pai, Rex Romano, consagrado novelista da emissora e considerado pela crítica como o "rei das tramas criminais da televisão brasileira", uma mente comparada aos mestres do gênero como Agatha Christie e *Sir* Arthur Conan Doyle.

- Vocês já mandaram o capítulo? – Eduardo pergunta sem tirar os olhos dos papéis à sua frente.

- Mandei pro papai por *e-mail* antes, ele deve estar revisando. Daqui a pouco ele liga. – Rani respondeu.

- Ele vai adorar, tenho certeza. Você é muito talentosa, meu amor. – Eduardo diz, fazendo Rani sorrir. – Temos muito trabalho para amanhã, não sei a que horas vamos terminar as gravações.

Eduardo larga os papéis pela primeira vez em horas. Ele era o diretor geral de *Enigmas*, pela primeira vez dirigindo uma novela do seu sogro, a maior honra que alguém poderia receber da Rede Morel de Televisão.

- Amanhã vamos gravar a cena da segunda morte da novela.

- Eu sei, querido. – Rani se levanta e vai até o marido, abraçando ele. – A propósito, aquele problema com o Tiago já foi resolvido?

- Graças a Deus! – Eduardo diz. – Deus do céu, não sabe como me arrependi de ter chamado esse otário para o elenco da novela.

- Mas ele não sabia que o personagem dele iria morrer?

- Claro que sabia! Mas ele achou que poderia convencer seu pai a mudar isso e se ferrou. Rolou uma discussão feia entre ele e o seu pai no estúdio, foi um furdunço daqueles.

- Ah, é? – Rani volta para o seu lugar assim que a novela volta do intervalo comercial. – Então se o personagem dele não tivesse morrido, o papai iria matar ele.

Eduardo pega o roteiro para voltar ao trabalho quando a campainha do telefone toca. Sem levantar da poltrona, ele estende a mão e pega o aparelho da base.

- Alô? – Pausa. – Eduardo Rodrigues. – Pausa. – Sim, sou marido dela.

Rani olha para o marido por cima do sofá e vê o seu rosto ficar sério e encontrar os olhos dela.

- O que aconteceu, Eduardo?

Em um segundo Rani está ao lado do marido tentando ouvir o que era dito do outro lado da linha. Eduardo estava visivelmente chocado. Sua mão leva o telefone lentamente de volta para a base, onde apenas o *bip* da bateria cortou o silêncio.

- Seu pai. – Eduardo diz, seu queixo caído. – Está... está morto.

CORTA PARA

Capítulo 2

MANSÃO DE REX ROMANO/PORTÃO-SAGUÃO/EXT - INT – NOITE:

Diante da mansão de Rex Romano uma grande multidão se aglomera iluminada pelas luzes vermelhas e azuis que giravam do alto das viaturas da polícia. Tão logo a notícia do assassinato do novelista estourou na mídia muitas pessoas resolveram ver de perto o caso, o que dificultava a chegada de mais viaturas com policiais e peritos para vistoriar a cena do crime.

Um EcoSport vermelho nem bem tinha parado na rua em frente a mansão quando a porta do carona foi aberta e Rani salta do carro, marchando a passos largos para os portões da casa, esbarrando em alguns curiosos.

Eduardo desliga e tranca o carro o mais rápido que pôde para então correr na tentativa de alcançar a esposa, já muitos metros diante dele.

- Rani, calma. – Ele diz.

O efeito de suas palavras foram imediatos: Rani para na mesma hora e gira sobre seus calcanhares, fazendo a vasta cabeleira negra acompanhar o movimento girando no ar. Ela encara marido com os olhos inchados mais indignados que Eduardo já vira na vida.

- Se fosse o seu pai que tivesse sido encontrado morto – *assassinado* – você me pediria calma?

Eduardo abre a boca para falar qualquer coisa, mas não teve tempo. Rani já havia retomado sua marcha sem diminuir a velocidade até alcançar o portão da mansão.

- Não pode passar, moça. – Um policial com nem um centímetro a menos de dois metros de altura se coloca na frente de Rani, que imediatamente fuzila o guarda com os olhos.

- *Eu quero ver o meu pai.* – Ela diz entre os dentes. O policial não se move um centímetro.

Rani revira os olhos dramaticamente e mete a mão no bolso de sua calça, da onde tira sua carteira de identidade, estendendo o documento para o policial.

- Nós ligamos para a senhora. – O policial diz. – Me desculpe.

O guarda dá passagem e Rani retoma sua marcha para a mansão. Eduardo alcança o portão.

- Sou marido dela. – Ele levanta sua mão esquerda antes que o policial tenha tempo de fazer qualquer movimento.

Sem opção, ele corre para alcançar a esposa bem a tempo de subir com ela os degraus que levavam para o *hall* de entrada da mansão Romano.

Um homem de ar sério aparece na porta e intercepta o casal. Rafael Moura, delegado da 10ª Delegacia de Polícia do Rio de Janeiro, é alto e forte. O cabelo castanho claro cai um pouco acima de seus olhos e seu olhar é frio, dando a falsa impressão de que ele não é uma boa pessoa.

- Senhora Rani Rodrigues. – Ele fala estendendo a mão para ela assim que encaixa um Nextel no cinto. – Sou o investigador Rafael Moura. Eu sinto muito pelo seu pai.

- Olá, detetive. – Rani cumprimenta Rafael. – Esse é o meu marido, Eduardo.

- Bom, uma vizinha disse que notou uma movimentação estranha na mansão e acionou a polícia.

- Onde meu pai está? – Rani estava cada vez mais nervosa.

- O corpo ainda está no escritório.

- Roubo? – Eduardo pergunta.

- É uma hipótese, senhor Rodrigues. – Rafael diz olhando para o jardim. – Encontramos o cofre aberto, mas não estava arrombado. Foi alguém que sabia a combinação.

- Não necessariamente. – Rani passa a mão nos olhos para secar uma lágrima, enquanto os dois homens olham para ela. – A fechadura estava estragada. Não trancava.

- Então pode ter sido qualquer um. – Eduardo comprime os lábios, pensando. – Dá pra ver as digitais?

- Já foram tiradas. – Rafael diz, olhando atentamente para Rani. – Dona Rani, quem poderia odiar o seu pai?

- Como eu vou saber, detetive? – Ela responde seca.

- Bom, pensei que você poderia nos fornecer um nome ou dois. Iria ajudar muito nas investigações.

Rani pensa por um minuto em silêncio, até seus lábios se abrirem um pouco.

- Há algum nome? – Rafael insiste.

- Bom, teve uma pessoa que odiou uma coisa que o meu pai fez.

- Pode me dizer quem? – Rafael tira um bloco e caneta do bolso interno do *blaser*.

- Mas eu não acredito que ele cometeria um crime por isso. – Rani acrescenta.

Rafael suspira.

- A senhora é coautora de *Enigmas*, certo?

- Sim. Ou melhor, era. Sem o papai vou ter que continuar sozinha. – Outra lágrima escapa do controle dela e é rapidamente eliminada. Eduardo abraça a esposa.

- Calma, meu amor. – Ele diz.

Rafael olha para o teto antes de continuar.

- Deveria saber que nos dias de hoje qualquer coisa é motivo para matar alguém, os noticiários estão lotados com vários casos assim. Pode me dar o nome ou não?

- Está bem, detetive. – Rani suspira e encara Rafael. – É Tiago. Tiago Domingues.

CORTA PARA

Capítulo 3

CASA DE TIAGO/BANHEIRO-QUARTO-SALA/INT – NOITE:

TIAGO ESFREGAVA VIGOROSAMENTE AS MÃOS debaixo da água corrente que escoava pelo ralo da pia do banheiro

em seu apartamento no Leblon. Várias gotas respingavam pela porcelana tingindo de vermelho sangue o branco imaculado do móvel. Seu olhar encara volta e meia o homem de 28 anos, de cabelo desgrenhado e olhos expressivos que lhe devolve o olhar do espelho.

- Você merece ser a estrela, Tiago. – Ele diz para si mesmo. – Não o coadjuvante. *E vai ser!*

Tiago sacode as mãos e as seca, jogando o pano de rosto em um cesto guardado dentro de um armário antes de seguir para o seu quarto. Ele se senta em sua cama e abre a gaveta do criado mudo de onde pega um frasco de comprimidos calmantes.

Tiago sacode o frasco e tira de lá duas pílulas, deixando o frasco sobre o criado-mudo. Quando vai pôr os comprimidos na boca ele ouve batidas firmes na sua porta.

- Merda. – Ele revira os olhos antes de devolver os comprimidos para o frasco. – Mas que bela hora para se receber visitas!

Tiago se levanta da cama e vai na direção da sala quando escuta novas batidas, ainda mais fortes que as primeiras.

- Já vai! – Ele berra impaciente. – Saco.

Quando a porta é aberta ele dá de cara com dois homens vestidos de preto e com as mãos sobre as armas expostas em seus cintos.

- Que isso? – Tiago se assusta.

- Tiago Domingues? – Um dos policiais pergunta.

- Quem são vocês?

- Polícia Civil do Rio de Janeiro. – O outro policial exibe o distintivo.

Tiago encara o distintivo e os dois policiais nervosamente.